

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Letícia Dutra Schinoff

**FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: um estudo de caso sobre o Banco Regional de
Desenvolvimento do Extremo Sul**

Porto Alegre
2020

Letícia Dutra Schinoff

**FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: um estudo de caso sobre o Banco Regional de
Desenvolvimento do Extremo Sul**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de Bacharela em Biblioteconomia, do
Departamento de Ciências da Informação da
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Ms. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice Reitora: Prof^a. Dr^a. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Karla Maria Müller

Vice Diretora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Samile Andréa de Souza Vanz

Chefe Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECOLOGIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenadora Substituta: Prof^a. Dr^a. Caterina Marta Groposo Pavão

CIP - Catalogação na Publicação

Schinoff, Leticia Dutra
Fotografia e Memória: um estudo de caso sobre o
Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul /
Leticia Dutra Schinoff. -- 2020.
54 f.
Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Memória Institucional. 2. Fotografia. 3. Banco
Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. I.
Giovanaz, Marlise Maria, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciência da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana.

CEP: 90035-007

Porto Alegre RS

Tel.: (51) 3308 5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Letícia Dutra Schinoff

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: um estudo de caso sobre o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de 2020.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz

Prof. Dr^a. Jeniffer Alves Cuty

Me^a. Priscila Chagas Oliveira

Porto Alegre
2020

AGRADECIMENTOS

A trajetória percorrida até aqui foi longa, cansativa e sem a ajuda de inúmeros amigos e familiares certamente minha vida acadêmica seria ainda mais difícil. Começo agradecendo o apoio dos meus pais, desde os preparativos para o vestibular até o colo nos momentos de sofrimento durante os finais de semestre. A minha família como um todo, por sempre demonstrarem seu orgulho quanto a minha formação, especialmente a minha avó Lori e minha dinda Clair que sempre estiveram ao meu lado, suprimindo todas as minhas necessidades. Agradeço, também, aos colegas que tive durante esses anos, aos intervalos e cafés que compartilhamos no jardim. A gestão da AAAF, pois certamente minha trajetória dentro da universidade não seria tão completa sem os eventos e encontros incríveis proporcionados por esse projeto. Meus melhores amigos por atravessarem comigo momentos de estresse e ansiedade, mesmo durante a quarentena, sempre me dando carinho e suporte.

Não foram apenas essas pessoas e os conhecimentos adquiridos em sala de aula que fizeram com que me tornasse quem sou hoje, mas também todos aqueles colegas e supervisores que confiaram em mim e me proporcionaram um ambiente contínuo de aprendizagem. Agradeço aos meus padrinhos na biblioteconomia, amigos queridos, meu primeiro supervisor Fernando e a Gicele, minha referência de profissional bibliotecária, sou muito grata pela relação que construímos. Minhas colegas de LACOR, um período incrível onde vivi experiências únicas como bolsista de pesquisa ao lado de pessoas muito especiais, fica aqui registrada minha gratidão. Também, não poderia deixar de mencionar a supervisora que me possibilitou trabalhar com o acervo fotográfico do BRDE, o que hoje é objeto fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, agradeço a Adriana pela oportunidade que me foi concedida, a todo conhecimento compartilhado e a amizade que criamos ao longo desse período. Por fim, agradeço a minha excelente orientadora que fez uma leitura perfeita das minhas dúvidas e angústias quanto ao tema de pesquisa e conseguiu traduzir em referências bibliográficas conceitos essenciais, me guiando no processo mais difícil que foi a construção teórica.

“Existimos enquanto alguém nos recorda.”

(Carlos Ruiz Zafón)

RESUMO

Este trabalho aborda a relação entre memória e fotografia, essa última utilizada como um instrumento capaz de servir como sociotransmissor, auxiliando na elucidação de histórias que trouxeram marcas individuais, institucionais e sociais para a região Sul do Brasil. Tem como objetivos específicos descrever o projeto de organização do acervo fotográfico do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, identificar atividades culturais e de preservação da memória institucional. O método utilizado nesta pesquisa é de natureza básica do tipo exploratória, através de uma abordagem qualitativa, se desenvolveu como um estudo de caso e análise documental. A coleta de dados foi feita através de duas formas: observação participante e história oral. Conclui-se que o acervo fotográfico é uma fonte de informação e também um sociotransmissor, pois sua organização foi capaz de mobilizar colaboradores para a identificação dos registros e relatos detalhados sobre a história do Banco. Ao fim dessa pesquisa, é sugerido que o Projeto Memória construa políticas sólidas para a preservação da memória e continue trabalhando fortemente no registro e desenvolvimento de atividades culturais, proporcionando um espaço para evocação de metamemórias e consolidação da memória e identidade institucional.

Palavras-chave: Memória institucional. Fotografia. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul.

ABSTRACT

The present paper addresses the relationship between memory and photography, the latter used as an instrument capable of serving as a socio transmitter, helping to elucidate stories which brought individual, institutional and social brands to the southern region of Brazil. Its specific objectives are to describe the project of organizing the photographic collection of the Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, identify cultural activities, and the preservation of institutional memory. The method used in this research is of a basic exploratory nature, through a qualitative approach developed as a study case and document analysis. Data collection was done in two ways: participant observation and oral story. It is concluded that the photographic collection is a source of information and also a socio transmitter because its organization was able to mobilize employees to identify the records and detailed reports on the history of the Bank. In the end of this research, it is suggested that the Memory Project make solid policies for the preservation of memory and continue to work strongly in the registration and development of cultural activities, providing a space for evoking meta-memories and consolidating memory and institutional identity.

Keywords: Institutional memory. Photography. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Inauguração da agência de Curitiba	24
Figura 2 - Empresa U. H. Becker	26
Figura 3 - Fluxo da memória institucional	27
Figura 4 - Servidores contra a liquidação	32
Figura 5 - Os três governadores	35
Figura 6 - Gráfico da categorização	37
Figura 7 - Concurso sobre economia gaúcha	40
Figura 8 - Balcão literário	41
Figura 9 - Exposição: a criação do BRDE	42

LISTA DE SIGLAS

AGPOA	Agência de Porto Alegre
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CODESUL	Conselho Nacional de Arquivos
CONARQ	Conselho de Desenvolvimento e Integração Sul
FCE	Faculdade de Ciências econômicas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA	10
2.1 A FOTOGRAFIA EM BIBLIOTECAS, ARQUIVOS E MUSEUS	12
2.2 MEMÓRIA SOCIAL E INDIVIDUAL	15
2.3 MEMÓRIA INSTITUCIONAL	18
3 METODOLOGIA	20
4 PROJETO MEMÓRIA: O ACERVO FOTOGRÁFICO	24
4.1 O IMPACTO DA ORGANIZAÇÃO DO ACERVO	27
5 O BRDE E SEUS PROTAGONISTAS	30
5.1 SOCIOTRANSMISSORES: SENTIMENTOS QUE SE CRUZAM	31
7 ATIVIDADES CULTURAIS E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	39
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE A – GUIA DE ENTREVISTA	54

1 INTRODUÇÃO

A implantação do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek na década de 50 deu continuidade à prioridade com relação à industrialização acelerada, trazendo profundas desigualdades regionais, uma vez que os investimentos se concentravam onde hoje é a região Sudeste. Após assumir o governo do estado do Rio Grande do Sul em 1959, Leonel Brizola uniu forças com os demais estados do Sul (Santa Catarina e Paraná) e seus respectivos governadores (Celso Ramos e Ney Braga) com apoio do presidente Jânio Quadros, para criar uma autarquia interestadual. Assim nascia o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) em 15 de junho de 1961, um formato único na administração pública brasileira (FONSECA, 2000). É uma Instituição de fomento, com agências distribuídas pelas três capitais da região Sul: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

O BRDE sempre se mostrou preocupado em preservar sua memória e estimular a cultura; através de diversos incentivos como, por exemplo, mostras literárias e exposições fotográficas, além de destinar uma parcela de seu imposto de renda devido para financiar a cultura, sob os auspícios da lei Rouanet e da lei do audiovisual. Todavia, se constatou que todas essas promoções aconteciam de forma desarticulada, por isso em novembro de 2006 a diretoria criou um Grupo de Trabalho para elaboração do Projeto Memória, com o objetivo de resgatar e organizar as ações culturais desenvolvidas.

O acervo fotográfico do BRDE sempre esteve sob a responsabilidade da Biblioteca da Agência de Porto Alegre (AGPOA), entretanto, as fotos estavam dissociadas e em péssimo estado de conservação, com pouquíssimos dados de identificação. Após a implantação do projeto memória, houve a necessidade de organizar esse acervo com o objetivo de contar a história do Banco através de suas fotos, fortalecendo a ideia de que as fotografias são fonte de informação, documentos fundamentais para gatilhos de memória e formação de identidade.

Baseado nos fatos expostos anteriormente, os objetivos a serem alcançados neste trabalho estão divididos em geral e específicos. O objetivo geral consiste em analisar a construção da memória e identidade do BRDE a partir do acervo fotográfico e dos relatos de alguns de seus antigos colaboradores. Os objetivos específicos estão divididos da seguinte forma:

- A. Identificar os processos adotados pelo Banco para a preservação da memória institucional;
- B. Descrever o projeto de organização do acervo fotográfico;
- C. Verificar o impacto das fotografias como um sociotransmissor perante os colaboradores.

A partir da organização do acervo fotográfico, observou-se uma enorme curiosidade entre os funcionários sobre o conteúdo das imagens, bem como no interesse em dividir o que sabiam sobre os momentos e pessoas registrados naqueles documentos. Nesse sentido, a questão norteadora deste projeto é: como o acervo fotográfico do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul pode auxiliar na construção da memória e identidade da instituição?

Acredita-se que esta problemática é significativa para a instituição escolhida como objeto uma vez que pode servir como um instrumento capaz de ajudar na tomada de decisões, no que se refere a defender a presença de projetos de preservação, como o conhecimento do impacto gerado por estes projetos auxilia na permanência de investimentos neste setor. De forma ampla, procura devolver à sociedade a análise da importância da valorização de espaços culturais e de projetos multidisciplinares capazes de melhorar ambientes de trabalho e espaços de convívio no geral.

A memória é vista dentro da Ciência da Informação por diversas perspectivas, os conceitos aqui abordados visam ressaltar a importância de repensar as práticas profissionais e vincula a preservação da memória através da conservação preventiva e de ações culturais. Foi identificada uma lacuna nas recentes publicações quanto à construção da memória institucional a partir das fotografias. Muito se têm analisado as informações através de pesquisa documental, nesse sentido, este trabalho procura dar enfoque a análise de conteúdo a partir do relato dos indivíduos sobre os documentos. Particularmente, escrever sobre fotografia, memória e o impacto destes registros na vida de cada colaborador do BRDE é encerrar de forma satisfatória um processo de dois anos de estágio, estudo, observação e aplicação técnica no que se refere à recuperação e conservação deste acervo.

A seguir, serão fundamentados os conceitos utilizados neste trabalho a partir de um referencial teórico que aborda os temas fotografia e memória, a descrição da metodologia utilizada na pesquisa, a forma como os dados foram coletados e na sequência a sua análise. Apresenta quem são os personagens dessa história, o impacto do acervo fotográfico para colaboradores e instituição, as práticas adotadas para preservação da memória e abre discussão quanto aos conceitos de sociotransmissores e metamemória.

2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Desde as técnicas de desenho, a câmara escura e a descoberta de Joseph Nicéphore Niépce da fotografia, o registro fotográfico é um documento inovador e cheio de símbolos, significados e informações, além de sua expressão artística. “Escrever com a luz, esse é o significado da palavra fotografia que tem sua origem no idioma grego (foto = luz e grafia = escrita)” (BOCCATO; FUJITA, 2006, p. 87). Através de sua capacidade de eternizar momentos, a fotografia é um registro que funciona como dispositivo de memórias.

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória dela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. (KOSSOY, 2012, p. 47)

Ainda segundo Kossoy (2012) o processo fotográfico envolve três estágios e são eles: a intenção, o ato do registro e os caminhos percorridos pela foto. A intenção seria propriamente aquilo que despertou a vontade do fotógrafo em registrar determinado momento, pessoas ou objetos ou ainda, se foi a partir da solicitação de uma terceira pessoa. O ato do registro é a materialização do momento registrado, e por último, os caminhos percorridos pela foto, os responsáveis pela sua guarda, as casas e mãos pelas quais passou e os sentimentos que despertou em seus observadores.

Esse despertar de sentimentos pode ser tratado como uma troca de emoções além indivíduo e objeto. Candau (2009) desenvolveu o conceito de sociotransmissores, ou seja, objetos que são capazes de transmitir sentimentos e estabelecer uma conversa entre duas ou mais mentes, ligando afetivamente essas memórias.

No cérebro os neurotransmissores permitem as conexões entre os neurônios e os sociotransmissores permitem as conexões entre os indivíduos. [...] Por exemplo, dentro da família, a fotografia de um avô, um livro que pertenceu à família desde muitas gerações; esse objeto vai ter um conteúdo afetivo muito grande e isso favorece a

união da família ao redor da memória afetiva da família. (CANDAU, 2015, p. 15)

Nesse sentido a fotografia seria um sociotransmissor, um documento capaz de conectar socialmente pessoas. Para Kossoy (2012, p. 30) as fotografias são “conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros [...]”. Enquanto isso, Silva (2014, p. 134) diz que:

A imagem, em sua ‘rebeldia’, acaba por escapar ao que seus autores intentam, mesmo quando há um trabalho de associação a textos ou a um processo de sua representação documental, levando a que outras associações e sentidos sejam possíveis no processo de interação que ocorre entre a imagem e seu fruidor [...].

As fotografias sempre foram documentos colecionados e guardados sob diferentes tratamentos entre instituições públicas e privadas, unidades de informação e até mesmo em nossas casas. A partir do aprimoramento das técnicas fotográficas e de ser vista de forma mais democrática durante o século XIX, as fotografias ainda assim permaneceram como um bem ligado à burguesia. Nessa época popularizaram-se os álbuns de família, peças de fabricação artesanal que guardavam qualquer tipo de representação iconográfica sobre a classificação e elitização da sociedade brasileira oitocentista (FERRAZ, 2014). “Uma fotografia suscita uma emoção; um conjunto de fotografias suscita a percepção das transformações através do conjunto mostrado.” (SILVA, 2000, p. [10]). As fotografias tendem a ser analisadas de forma individual, mas um acervo pessoal, por exemplo, deve ser tratado como um conjunto não devendo ser dissociado ou dividido, classificado de forma separada. Muitas vezes, um acervo fotográfico só tem significado se estiver reunido.

No que se refere às instituições que abrigam acervos fotográficos, Kossoy (2012) salienta a importância de se organizar e identificar as fotografias logo após o seu registro, uma vez que quanto mais se distancia da época em que foi registrada, mais se torna difícil o processo de resgate de informações nelas contida. A identificação das fotos é um tratamento, feito de diferentes formas, dependendo da

área pela qual será abrigada. Alguns dados são imprescindíveis para organização da foto, independente do ambiente em qual for armazenada, alguns deles são: autor da foto, local do registro e data. Caso essas fotos sejam encontradas algum tempo após o seu registro e precisam passar por esse processo de identificação, Kossoy (2012, p.75) sugere “a necessidade de se entrevistar [...] as pessoas da comunidade que podem trazer pistas para a identificação dos cenários e personagens retratados nas imagens.”.

Através da sua organização e tratamento, a fotografia é um documento capaz de servir como uma fonte de informação, por esse motivo é comum encontrar acervos fotográficos abrigados em unidades de informação. Independente de sua data de registro, a fotografia nos permite visitar o passado e extrair dados capazes de reconstruir o presente ou até mesmo, um futuro diferente. A memória suscitada pela fotografia pode ser tratada como um bem social e político, retrata a realidade instantânea, e apesar de sua capacidade de manipulação, a fotografia ainda é uma fonte histórica segura.

2.1 A FOTOGRAFIA EM BIBLIOTECAS, ARQUIVOS E MUSEUS

Apesar de ser encontrada comumente em arquivos, bibliotecas e museus, a fotografia ocupa um lugar diferente dentro de cada uma dessas unidades de informação.

Historicamente, a Bibliothèque Nationale da França foi a primeira instituição em todo o mundo a incorporar a fotografia ao seu acervo, ao receber, em 1851, uma série de doze calótipos produzidos pela imprimerie photographique de Blanquart-Evrard, a título de depósito legal, em obediência à conhecida lei que já incidia há decênios sobre os livros e as gravuras. (VASQUEZ *apud* ALBUQUERQUE, 2012, p. 181).

A principal diferença entre a biblioteca e outros espaços está na sua forma de tratamento e na disseminação das informações contidas nas fotos. Segundo Silva e Duarte (2016, p. 156):

O documento fotográfico na biblioteca é considerado especial, ficando desvinculado do restante do acervo bibliográfico. [...] as fotografias são organizadas como documento individual a partir da classificação e da indexação.

A partir de estudo sobre o tratamento de acervos fotográficos em bibliotecas, Sousa e Zafalon (2011) identificaram que a maior parte das bibliotecas depositárias de acervos fotográficos, também abrigam outros tipos de documentos, comumente mantendo as fotos separadas do acervo bibliográfico. Além disso, percebeu-se que a maior parte das bibliotecas que responderam a pesquisa demonstrou dar mais atenção ao processamento técnico, à indexação e catalogação destas fotos do que a questão da preservação física.

Já para Villalobos (2019) é importante ressaltar um novo olhar voltado para a disponibilidade das fotografias dentro das bibliotecas. Para o autor, as fotografias dentro das bibliotecas deixaram as estantes e agora passam pelo processo de digitalização, proporcionando consulta, acesso a exposições artísticas e etc. Além de armazenar coleções da instituição a qual pertence, a biblioteca ainda pode criar seu próprio acervo, fotos que podem ser utilizadas para mostrar a movimentação dos usuários utilizando o espaço, do acervo, dos eventos realizados e assim promover os serviços prestados. Nesse sentido, assim como os demais tipos de documentos, as bibliotecas são responsáveis por organizar, tratar, armazenar e disseminar as fotografias. No Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) possui o maior acervo iconográfico do país, reunindo desde fotografias até cartões postais. Em 2015, a FBN e o Instituto Moreira Salles lançaram um portal intitulado “Brasileira Fotográfica”. O portal conta com mais de duas mil fotos históricas do século XIX e início do século XX, contribuindo assim para a preservação do patrimônio fotográfico digital brasileiro (BIBLIOTECA..., 2015).

No campo arquivístico, os documentos possuem valor probatório, independente do seu suporte. Para que sirva como fonte de informação, o documento arquivístico não pode ser desvinculado de seu contexto, pois é isto o que lhe gera significado.

Os documentos fotográficos em acervos arquivísticos fazem parte de um todo orgânico, não podem ser retirados de seu contexto de

produção, devem ficar claras as relações que mantém com os demais documentos. Partindo dessa premissa, deve-se pensar o tratamento, incluindo-os na gestão de documentos, passando por classificação, avaliação, compondo os quadros de arranjo, descrição, sem deixar de lado a preocupação com a preservação. A separação deve ser apenas física e não intelectual. (MARIZ; CORDEIRO, 2018, p. [17])

Os arquivos públicos que abrigam acervos fotográficos podem ser percebidos como um objeto material capaz de gerar conhecimento. Nesse sentido, Saraiva, Pereira e Lopez (2017) apontam a questão dos acervos fotográficos como fonte de referência e o direito da sociedade no acesso à informação. Acervos arquivísticos de natureza visual possuem valor testemunhal, além de auxiliar na representação da história e devem manter seu caráter social quanto a disseminação da informação. Paul Otlet e Suzanne Briet qualificaram a fotografia, de forma distinta, porém igualmente concedendo a ela valor documental. Otlet considerava as informações imagéticas como registro do conhecimento e defendia sua qualidade informacional, já Briet acreditava no registro como símbolo de reconstituir, demonstrar ou por assim dizer, uma prova que dá suporte a um fato (TONELLO; MADIO, 2018).

Assim como as fotografias, os museus conduzem sua existência através das coleções. A documentação museológica recebe um tratamento interdisciplinar que perpassa por diferentes profissionais e processos, desde aquisição até a exposição da obra (ALBUQUERQUE, 2012). Dentro dos espaços museológicos a fotografia foi questionada como arte e somente foi legitimada na década de 40, a partir da criação do Departamento de Fotografia dentro do *Museum of Modern Art de Nova York* (MoMA).

A fotografia fez parte das novas tendências - e de suas próprias - e suas potencialidades como meio de expressão tornaram-se irrefutáveis. A investida do MoMA no campo da fotografia representou o apoio institucional necessário para que o meio obtivesse o reconhecimento como obra de arte legítima. (DOBANSZKY, 2008, p. 1)

No contexto brasileiro, essa assimilação aconteceu de forma tardia. Segundo Costa (2008, p. 165) na década de 70 o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

[...] possibilitou que seu público observasse a fotografia a partir de pontos de vista radicalmente distintos, ao fomentar exposições que afirmavam a fotografia como arte de caráter autoral e outras que partiam da premissa de que se podia fazer arte também por meio da fotografia. Podemos dizer que o Museu de Arte Contemporânea da USP assumiu plenamente, naquele momento, a sua vocação contemporânea, ao negar a autonomia da obra de arte, potencializar a dissolução de fronteiras entre os diferentes meios artísticos e oferecer a possibilidade de acesso a várias interpretações do fenômeno artístico.

A fotografia dentro destas três diferentes instituições parece ter sofrido inicialmente tanto como fonte de informação e conhecimento, uma vez que sua interpretação dependerá do ponto de vista do investigador sendo assim um documento passível de “manipulação” no que se refere a significados, como enquanto arte, o que explica sua entrada tardia em reservas técnicas e exposições. De modo geral, a biblioteconomia vê a fotografia de forma individual, focando na descrição física e autoral para posterior recuperação. Já a arquivologia trata o documento a partir do seu contexto, procurando dar significado ao seu registro enquanto valor histórico. No que se refere à museologia, traz conceitos importantes para fotografia como criação artística, colocando o processo fotográfico como técnica criativa e cultural. Historicamente estes modelos de unidade de informação têm contribuído para a guarda, organização e disponibilização de seus acervos, auxiliando em pesquisas e na preservação da memória.

2.2 MEMÓRIA SOCIAL E INDIVIDUAL

É sabido que a memória social é transdisciplinar, uma vez que não somente é construída por diversas áreas do conhecimento, como também é penetrada e diluída por todas elas, não ocupando um campo fixo. Gondar (2016) estabelece algumas

proposições acerca desse campo, trazendo o conceito de memória social como ético e político, esclarece que ao definir critérios para a escolha dos documentos que conservamos, onde guardamos e como expomos, estamos seguindo algum tipo de intencionalidade. Também se acredita que a memória social se institui a partir da oposição entre lembrança e esquecimento, além disso, que este conceito não pode ser reduzido à identidade ou representação, para a autora a memória é uma construção processual que não existe fora do contexto afetivo.

Em seu artigo sobre memória, esquecimento e silêncio, Pollak (1989) revela a importância das memórias transmitidas oralmente, mantidas muitas vezes em ambiente unicamente familiar devido a lembranças traumáticas. Descritas como memórias subterrâneas, essas narrativas muitas vezes revelam o lado oposto de eventos históricos, o lado oprimido, e por conta disso acabam silenciadas ou esquecidas, são memórias a espera de alguém que as escute e torne a verdade pública. Dar voz ao outro lado da história não é um trabalho fácil, o autor menciona uma técnica chamada “enquadramento da memória” e ela serve para delimitar esse espaço de lembranças individuais e comunitárias, assim como criar certa hegemonia sobre determinado fato. De forma breve, é possível explicar o enquadramento da memória necessário para que oprimido e opressor sejam sempre lembrados em sua posição determinante, com o intuito de negar legitimidade ou justificar acontecimentos traumáticos, dando espaço para dualidades e posições favoráveis a eventos condenáveis.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p. 9).

No que se refere a memória individual, Halbwachs (1990) o “pai” da memória coletiva defende que nunca estamos sozinhos em nossas recordações. As lembranças individuais sempre estariam ligadas a um contexto social, “atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma, senão em

nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo.” (HALBWACHS, 1990, p. 47). Desta forma, toda a construção individual de nossas memórias estaria ligada a nossa memória enquanto membros de um grupo, aquilo que compartilhamos em coletividade.

A ideia de que a memória é um processo constituído socialmente também é compartilhado por Viana (2006, p. 10) onde define que “memória social é a manifestação coletiva da memória de uma sociedade ou um grupo”. Acredita-se que através de seu histórico de vida e os valores absorvidos, assim como os sentimentos despertados são fundamentais para a ativação da memória e estes fatores - valores e sentimentos - estariam ligados ao nosso processo de socialização, aquilo que incorporamos através de nossas relações. Assim, cabe destacar o conceito de memória individual difundido por Viana (2006, p. 09):

A memória individual é constituída socialmente, pois os mecanismos de evocação de lembranças são de origem social. A memória individual possui sua singularidade a partir do processo histórico de vida do indivíduo que, a partir de sua inserção nas relações sociais e sua posição social, realiza a evocação de lembranças que estão em sua consciência virtual. Tanto as lembranças quanto os mecanismos de evocação são de caráter social, e isto significa que a memória individual é social.

Segundo Candau (2016, p. 23) metamemória é “a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, [...] em uma dinâmica de ligação entre o indivíduo e seu passado, como uma memória reivindicada.”. Em contraponto a Halbwachs e Viana, defende que tudo parte da memória individual e que na verdade a “memória coletiva” seriam representações das percepções dos indivíduos sobre determinado acontecimento.

De fato, em sua acepção corrente a expressão memória coletiva é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo irão reproduzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo. (CANDAU, 2016, p.24)

Nesse sentido, apesar de compartilhar uma experiência os indivíduos deste grupo jamais terão as mesmas lembranças uma vez que suas percepções sobre determinado evento estarão sob diferentes pontos. Como por exemplo, no caso de uma sessão de fotos; provavelmente as lembranças do fotógrafo sobre este evento serão diferentes da modelo que posou para foto, assim como da equipe técnica. A partir das lembranças individuais será possível construir uma metamemória coletiva onde cada um poderá relatar sua experiência diante de tal evento e através deste processo social é que se criam as memórias em comum.

2.3 MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Existe certa dificuldade em encontrar um consenso quanto à definição do conceito de memória institucional, pois aparentemente se trata de um termo recente e apenas pelo fato de envolver a memória, já torna difícil este processo, como visto anteriormente, a memória é um conceito multidisciplinar e possui diversas “ramificações”. Pelo ponto de vista de Izquierdo (2018), a memória é definida como aquisição, formação, conservação e evocação de informações, trazendo também uma questão importante no que se refere à dualidade, o fato de que a importância de lembrar está relacionada à prática de esquecer.

A memória institucional está relacionada com a memória social, uma vez que estabelece uma comunicação com a sociedade e tem papel fundamental enquanto fonte de informação, demonstrando o desenvolvimento das organizações. Felipe e Pinho (2018, p. 93) afirmam que:

Por meio da memória institucional, se entra em contato com a história das práticas da instituição, do que foi instituído. Ao se fortalecer a identidade de uma instituição, essa tem a possibilidade de originar e gerar conhecimento. A partir da memória, se pode planejar as atividades futuras a fim de não perder sua identidade.

O termo memória institucional foi conceituado por Costa (1997, p. 147) como “experiências híbridas [...], seria o retorno reelaborado de tudo aquilo que contabilizamos na história como conquistas, legados, acontecimentos, mas também

vicissitudes, servidões, escuridão.”. Contextualizando de forma histórica, Rueda e Valls (2011, p. 85) afirmam que:

A Memória Institucional começa a ser tratada de forma sistemática a partir da década de 1970, como reflexo dos estudos sociológicos, antropológicos e históricos voltados à questão da memória, as empresas perceberam então que para seu crescimento era importante registrar e preservar sua memória.

No campo dos negócios, uma vez que as instituições estão em constante evolução, a memória institucional se torna um ativo intangível. De acordo com Conceição (2013, p. 67) “Informação é dinheiro, e deve ser vista de maneira estratégica pelas organizações como o primeiro e maior patrimônio de desenvolvimento da empresa [...]”. No que se refere à informação enquanto patrimônio cultural é importante ressaltar que “cada indivíduo possui o seu ponto de vista e se torna peça fundamental para a reconstrução da memória institucional. Essa visão dos indivíduos garante um olhar generoso sobre a história da instituição.” (FELIPE;PINHO, 2018, p. 94). Ou seja, a memória institucional perpassaria pela memória individual de cada colaborador e através de suas metamemórias é possível criar a identidade daquela instituição, construindo uma ponte entre passado, presente e futuro.

Quanto à preservação da memória dentro das empresas, fundamentando a ideia do enfoque necessário aos indivíduos, ou seja, os colaboradores e na sua importância no que se refere à construção da identidade, Barbosa (2010, p.12) salienta que a memória institucional “se expressa como uma possibilidade de (re) ligação dos sujeitos à estrutura, pois propicia aos indivíduos se reconhecerem como elementos partícipes da trajetória organizacional.”.

Neste contexto, se observa uma prática ainda inconsistente das organizações em preservar sua memória, pois existe certa dificuldade por parte dos gestores em perceber a memória como um valor agregado. A preservação da memória dentro das instituições atravessa barreiras e cria um canal junto à sociedade, permitindo a demonstração dos bens gerados, assim como a importância da força de trabalho de seus colaboradores, dando significado à existência daquela instituição.

3 METODOLOGIA

O método utilizado nesta pesquisa é de natureza básica, pois tem intenção de gerar conhecimento relevante para discutir a fotografia como dispositivo de memória e documento auxiliar na construção da memória e identidade institucional no âmbito da ciência da informação, sendo do tipo exploratória que pretende analisar a relação entre os colaboradores e o acervo fotográfico do BRDE. Conforme Bonin (2012, p. 4), a pesquisa exploratória “implica aproximações empíricas ao fenômeno concreto a ser investigado com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades.”, além disso, Yin (2001, p. 173) diz que “os casos exploratórios debaterão o valor de se investigar mais a fundo várias hipóteses ou proposições.”.

Optou-se por uma abordagem qualitativa, pois desta forma foi possível delimitar e conduzir a pesquisa de forma flexível uma vez que “[...] não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.” (GODOY, 1995, p. 21). Acredita-se que a pesquisa qualitativa auxilia a analisar o caso de forma individual, Moresi (2003, p. 9) “considera que há [...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.”. Deste modo, foi possível interpretar a experiência de cada colaborador a partir de suas próprias lembranças.

Quanto ao procedimento, se desenvolve como um estudo de caso e análise documental. Yin (2001, p. 27) diz que “[...] o poder diferenciador do estudo de caso é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - [...]”. No que se refere ao procedimento documental “a etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos.” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 10). As fotografias foram analisadas e descritas pelas categorias QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE, Smit (1996) destaca que elas são “utilizadas por muitos estudiosos como parâmetros para grande variedade de análises de textos, inclusive documentária, é também preconizada para a Análise Documentária da imagem”. As fotografias utilizadas neste procedimento servirão como “fontes de informações, indicações e esclarecimentos

que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras [...]” (FIGUEIREDO *apud* SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 05).

A partir da observação foram selecionadas 7 (sete) fotos, os critérios para seleção das fotografias utilizadas na entrevista estão de acordo com a categorização estabelecida na seção de análise de dados, ou seja, fotos que remetem a atividades culturais desenvolvidas dentro do BRDE, assim como atividades econômicas, como por exemplo, assinaturas de contratos. Além disso, essas fotos registram ações capazes de serem interpretadas a partir das emoções pré-estabelecidas. Conforme Sá-silva, Almeida e Guindani (2009, p. 10) “a valorização do documento como garantia de objetividade, marca indelével dos historiadores positivistas, exclui a noção de intencionalidade contida na ação estudada e na ação do pesquisador, sendo esse processo construído historicamente.”. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a escolha do corpus não obedeceu apenas às categorias pré-estabelecidas, mas também visando escolher fotografias que possam despertar sentimentos espontâneos e que acrescentem este lado humanista a análise de conteúdo. As fotos utilizadas foram escolhidas pelos próprios sujeitos participantes da entrevista. Ao iniciar a conversa, o conjunto das sete fotos foi apresentado ao sujeito e a partir de suas próprias intenções foi sugerido que ele escolhesse as fotos que gostaria de comentar, relatando suas experiências e emoções a partir daquele registro.

A coleta de dados foi feita através de duas formas: observação participante e história oral. Segundo Godoy (1995, p. 27) “a observação tem um papel essencial no estudo de caso. Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ ou comportamentos.”. Nesse sentido, foi feita uma observação participante onde a autora passou alguns dias durante dois meses visitando o local, auxiliando no processo de organização do acervo fotográfico e assim absorver informações a partir dos grandes grupos e como estes se relacionam com as fotografias.

A segunda forma de coleta auxiliou na verificação do impacto das fotografias como um sociotransmissor, além da observação participante, foi a história oral. De acordo com o Manual De História Oral “A História Oral desenvolveu-se inicialmente como uma estratégia para dar voz a personagens sociais com baixo índice de

participação na construção da memória coletiva.” (BRASIL, 2016), além disso, revela que a história oral é...

[...] um instrumento poderoso na alavancagem de projetos de memória institucionais. Não se trata de ganho de somenos importância à cultura. Essas entrevistas permitem contar a história política e institucional de nosso tempo por perspectivas outras.

A entrevista foi feita com três colaboradores do Banco no Centro de Informações, na agência de Porto Alegre. Alberti (2004, p. 22) destaca a importância da entrevista de história oral uma vez que ela permite "recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares [...]". Com a ideia de que se sintam à vontade para interagir com a mediadora e com o material selecionado, relatando as memórias despertadas pelas fotos, mesmo que para eles seja um processo flexível, previamente foram preparadas cinco perguntas norteadoras que funcionaram como um guia para entrevista. A escolha da amostragem foi feita a partir da posição que ocupavam e das atividades exercidas dentro do Banco, além do tempo de carreira. As entrevistas foram gravadas, a partir da assinatura de consentimento dos entrevistados, permitindo que seus relatos fossem transcritos e anotados de forma a serem posteriormente analisados.

Após a coleta, foi feita uma análise de conteúdo, sendo ela dividida por categorização. Conforme Taquette (2016, p. 528) “a categorização dos dados é uma classificação dos mesmos. Significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.”. Para que a transcrição das entrevistas fornecesse dados capazes de responder a questão norteadora deste trabalho, foi necessário fazer uma decodificação das informações relatadas. Quanto às emoções despertadas pelas fotos, as respostas foram agrupadas em duas grandes categorias, positivas e negativas, dentro delas duas subdivisões: trauma e insegurança, para as negativas e orgulho e pertencimento para as positivas, sendo que outras categorias poderiam surgir no decorrer da entrevista. Para a questão do momento mais relevante do BRDE estar documentado ou não, foi categorizado por atividade econômica ou cultural. Quanto ao impacto da organização do acervo, se

esperou a resposta orgânica de cada membro do grupo, sendo possível sua categorização apenas ao final da conversa.

A pesquisa foi conduzida com seriedade e de forma ética, protegendo as falas dos sujeitos que foram usadas no texto sem identificação. Além disso, de acordo com Santana (2016, p. 28) é importante que o pesquisador trate a análise de dados de maneira impessoal:

A ação baseada na ética e na moral significa não se ater apenas ao seu próprio ponto de vista, mas ser capaz de realizar análises sobre prismas diferentes, havendo o questionar, o pensar e o criticar, construindo um ponto de vista próprio, mas absorvendo aquilo que a sociedade tem para oferecer.

As questões éticas na pesquisa não estão ligadas somente no tratamento dos dados, mas também na forma como as referências são utilizadas e citadas, indicando corretamente a autoria e as fontes consultadas. Quando a autoria não é mencionada, Silva (2008, p. 360) entende esta questão como plágio, conceituando como “apropriação indevida de um texto ou parte dele, sem referência ao autor, portanto apresentado como sendo de autoria da pessoa que dele se apodera.”.

4 PROJETO MEMÓRIA: O ACERVO FOTOGRÁFICO

O acervo fotográfico do BRDE é constituído por aproximadamente 4.000 (quatro mil) fotografias de diversas técnicas, tamanhos e décadas diferentes. Existem registros desde a criação do Banco até meados de 2004, quando a partir de então as fotografias digitais entraram em ascensão e a impressão se reduziu drasticamente. A bibliotecária da AGPOA recuperou diversas caixas de um arquivo que estava desativado pelo Banco, essas caixas seriam descartadas, mas felizmente a visão de um profissional da informação foi decisivo para o salvamento desses documentos.

Figura 1 - Inauguração da agência de Curitiba



Fonte: arquivo institucional do BRDE

QUEM	Francisco Grillo (presidente do BRDE), Alceu Machado (diretor do BRDE) e Paulo Pimentel (governador do Paraná).
ONDE	Curitiba - PR, Brasil.

QUANDO	23/01/1970
COMO/ O QUE	Desfazendo laço de inauguração da nova agência do BRDE. ¹

A partir do acolhimento dessas fotos no Centro de Informação da AGPOA e com o auxílio técnico da então estagiária, em junho de 2018 foi iniciado um projeto de conservação e preservação desse acervo. A primeira etapa realizada foi a de seleção de todas as fotos dissociadas e a criação de uma tabela com as informações iniciais. A maior parte das fotos estava em envelopes, com algum tipo de informação; essas fotos foram agrupadas em caixas e divididas por décadas. Através da tabela foi possível identificar e reunir as fotos dissociadas ao envelope a qual pertenciam. Algumas fotografias não continham nenhum ou pouquíssimos dados, foi necessário o auxílio de ex-funcionários do Banco para identificação das pessoas, eventos, datas e locais registrados.

Após estabelecer a organicidade dos documentos, a segunda etapa consistiu na higienização das fotos, que depois foram acondicionadas em pastas, seguidamente divididas por evento dentro de envelopes. Os envelopes foram classificados por data e colocados em caixas e estas dentro de um arquivo de aço que está localizado dentro do espaço memória, na AGPOA. Todo o material usado nesse projeto foi de qualidade arquivística. A última etapa do projeto se configurou na digitalização das fotos, um processo lento que demanda pessoal e conhecimento técnico. Conforme o projeto de organização das fotos foi seguido às sugestões estabelecidas pelo CONARQ, observando também as técnicas de preservação digital. A ideia central foi indexar as fotos no sistema de automação utilizado pela biblioteca, permitindo acesso de todos os funcionários do Banco, assim como a realização de atividades culturais.

¹Quadro delineado por Smit (1996, p. 32) onde configura a descrição de fotografias utilizadas na análise documental de imagens.

Figura 2 - Empresa U. H. Becker



Fonte: arquivo institucional do BRDE.

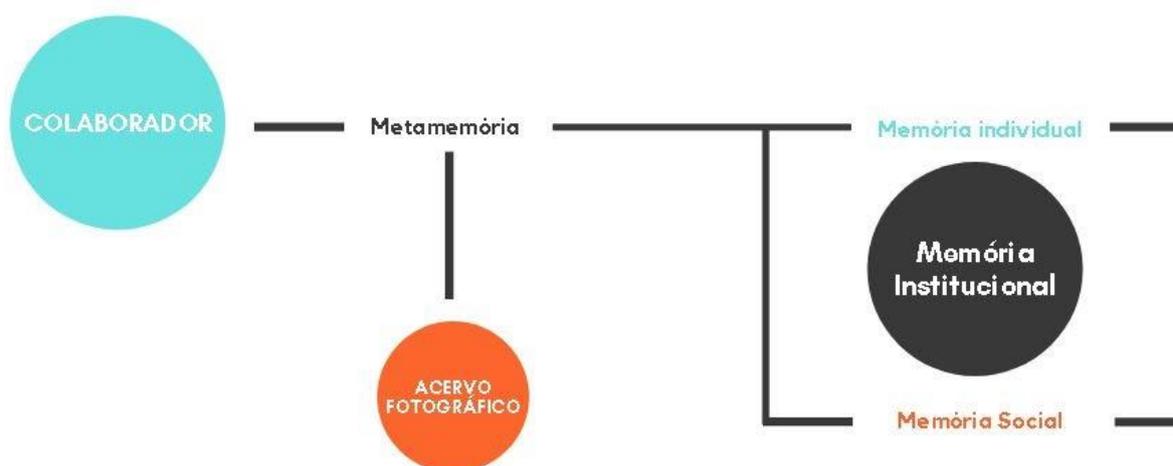
QUEM	Trabalhadores.
ONDE	Novo Hamburgo - RS, Brasil.
QUANDO	18/12/1962
COMO/ O QUE	Produção da empresa U. H. Becker atuando para o setor calçadista.

O acervo fotográfico não se resume apenas as fotos de atividades econômicas ou culturais apoiadas pelo Banco, mas também é possível encontrar, mais precisamente nos registros dos primeiros anos de existência, inúmeras fotos de empresas que receberam financiamento em suas rotinas laborais. A foto acima, por exemplo, ilustra a linha de produção de uma empresa calçadista de Novo Hamburgo, a U.H. Becker foi a oitava empresa financiada pelo BRDE. Dentre outros aspectos, as fotografias mostram a trajetória do Banco e as marcas do seu sucesso que se refletem em diversos setores e partir delas, muitas memórias e projetos podem ser desenvolvidos.

4. 1 O IMPACTO DA ORGANIZAÇÃO DO ACERVO

Levando-se em consideração o que foi discutido sobre os desdobramentos da memória, é possível afirmar que a memória institucional é formada pelas metamemórias de seus colaboradores e a interpretação feita pela sociedade diante de seus registros, o que molda sua identidade. Conforme Costa (1997, p. 147) “nossas instituições são e serão sempre aquilo que agenciamos coletivamente, no heterogêneo. [...] se quisermos avançar para além do desenvolvimento técnico, seria prudente então estabelecermos novos nexos entre o passado e o presente [...]”. O acervo fotográfico pode ser esse nexo entre diferentes épocas, não apenas pelo seu valor como fonte de informação e registro histórico, mas como um sociotransmissor, um dispositivo que auxilia na reprodução da memória. Quando definimos que nossa memória individual nada mais é do que a representação de nossas lembranças, ou seja, uma metamemória - que pode ser evocada através de fotografias - e um conjunto delas é capaz de formar uma memória coletiva, então é possível dizer que a memória institucional é o resultado final deste processo, como ilustra o fluxo abaixo:

Figura 3 - Fluxo da memória institucional



Fonte: elaborado pela autora.

Se a fotografia é um artefato que tem seu caráter de testemunho, uma série de atividades podem ser criadas para promover a interação entre acervo, colaboradores e sociedade, como por exemplo, oferecer um espaço onde o acervo

fotográfico sirva como dispositivo para relatos de memória, visto que o contato entre diferentes gerações de funcionários pode afetar positivamente na formação de uma identidade ou coletividade.

“[...] pelo uso das imagens, grupos e comunidades têm conseguido propagar um sentimento de identidade social, cultural e política para o público em geral. E, nesse sentido, têm conseguido, mediante o registro de imagens fotográficas, construir e reconhecer sua memória.”. (SILVA, 2016, p. 315)

A visão da sociedade sobre a instituição é aquilo que se compartilha e o que seria formador de sua identidade está ligado aos discursos defendidos pelo trabalho de enquadramento. Quando se pensa em estabelecer um enquadramento de memória, é necessário escolher quem são os personagens que falam pelo grupo e assim fixar suas metamemórias. Pollak (1989, p. 11) diz que essas ferramentas - enquadramento e fixação - “[...] são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade.”. Para solidificar a identidade de uma instituição e a manutenção da sua memória é necessário um árduo trabalho no que se refere à preservação e compartilhamento de seus registros, sempre respeitando os parâmetros de enquadramento. Silva (2016) diz que atualmente as fotografias funcionam como uma narrativa não-verbal, retratando de forma documental sociedades e informações importantes para a compreensão de mudanças históricas. Nesse sentido, o acervo fotográfico é capaz de construir um discurso atemporal, cruzando diversas experiências de diferentes décadas.

Acredita-se na importância da preservação do acervo fotográfico, no trabalho para sua identificação - um processo complexo de ser feito posteriormente - e que a organização das fotos gera um impacto positivo na carreira e trabalho dos colaboradores. O cenário da economia é instável, o potencial de crescimento pode não se concretizar e o Banco veio para tentar equilibrar essas questões, ser uma ferramenta de desenvolvimento. Foi apontado que as fotos ajudam a ilustrar esses momentos, mostrando onde o Banco atuou e como propiciou progressos. É ressaltada, também, a importância de tornar esse acervo acessível para outras agências, para que os colegas de outros Estados possam colaborar na sua

descrição. Existe uma preocupação quanto à disponibilização destas fotos através de digitalização e indexação em uma base de dados pelo paradigma do acesso. A problemática consiste na seguinte dualidade: ao passo que antigos funcionários sejam dotados de conhecimento para serem compartilhados, alguns possuem maior dificuldade com o meio digital enquanto funcionários novos talvez tenham mais familiaridade com a tecnologia, porém pouco teriam a contribuir para a descrição de registros escassos de informações. Apesar deste conflito geracional, tanto os colaboradores aposentados como os em atuação devem ser motivados a relatarem suas metamemórias e interagirem com o acervo fotográfico, no suporte físico e digital.

De forma ampla, é possível dizer que através da organização do acervo fotográfico será possível compreender os feitos e adversidades encontradas pelo BRDE ao longo de sua história, assim como elucidar a memória coletiva através da metamemória de seus colaboradores. A identidade do Banco está relacionada aquilo que ele produz e preserva logo, se pode dizer que para cada projeto aprovado existe uma equipe especializada trabalhando em prol do desenvolvimento, assim como para cada documento preservado existem os centros de informações que são capazes de organizar e conceder acesso para esses registros. O projeto de organização do acervo fotográfico não poderia trazer outro impacto se não o positivo, levando em consideração todos os pontos supracitados.

5 O BRDE E SEUS PROTAGONISTAS

Quando se pensa em uma instituição, é necessário também refletir sobre o que constitui sua memória e identidade, quem dá significado a sua missão. A hipótese de que a organização de um acervo fotográfico atua como um sociotransmissor e possibilita a elucidação da memória e criação de uma identidade só pode ser defendida e analisada através das narrativas de um grupo de colaboradores. Assim, serão apresentados os resultados obtidos nas entrevistas de história oral e observação participante realizadas no Centro de Informações da Agência de Porto Alegre, entre os dias 07 de janeiro de 2020 e 27 de fevereiro de 2020.

Foi possível perceber pontos em comum na trajetória dos sujeitos dentro do Banco, como por exemplo, o fato dos funcionários da área econômica circularem por diversos departamentos durante sua carreira. É possível apontar, também, que devido ao fato da ampla relação entre o BRDE e a Faculdade de Economia (FCE) da UFRGS, tomaram conhecimento sobre o Banco ainda dentro da graduação. Esta relação começou com a aproximação do professor Pery Pinto Diniz, que foi o primeiro diretor do BRDE, e do então governador Leonel Brizola, que configuraram juntos os critérios para seleção dos funcionários sendo unicamente por concurso público. Tanto ex-alunos entraram para o quadro de funcionários do BRDE, como funcionários passaram a prestar concurso e lecionar na FCE, fortalecendo ainda mais este laço (FONSECA, 2000).

De forma geral, se observou o surgimento de expressões positivas quando questionados sobre quais eram suas histórias dentro do BRDE. Enquanto colaboradores, os sujeitos demonstraram gratidão e acreditam servir a uma empresa que procura tratar bem as pessoas, tanto no sentido profissional como pessoal, com amplos benefícios, saúde ocupacional, oportunidades para crescer disponibilizando treinamentos e incentivo a continuidade dos estudos, com destaque para um bom atendimento ao público, fugindo de um péssimo estereótipo construído em cima do funcionalismo público.

A maior parte das falas foram agrupadas e transformadas em resultados gerais, apenas quando analisada as fotografias como sociotransmissores os entrevistados foram denominados como Entrevistado 1 e Entrevistado 2 para

colaboradores aposentados e da área econômica e Entrevistado 2 para funcionário atuante e da área de gestão. Optou-se por descrever de forma ampla e superficial os perfis entrevistados e a carreira traçada dentro da instituição, de forma a respeitar a anonimidade dos sujeitos, cumprindo com a ética estabelecida e firmada pelo termo de consentimento livre e esclarecido.

5.1 SOCIOTRANSMISSORES: SENTIMENTOS QUE SE CRUZAM

Ao analisar as narrativas dos colaboradores e relacionar ao conceito dos sociotransmissores - um artefato capaz de conectar pessoas e memórias - a fotografia serve aqui como um documento que liga socialmente pessoas e instituição. Preservar o acervo fotográfico é também preservar a capacidade de interação de metamemórias, estimular que as lembranças tenham um ponto de acesso e não sejam perdidas permanentemente. Assim, analisando a construção da memória e identidade do BRDE a partir do relato de seus colaboradores, é possível afirmar que o acervo fotográfico funciona como um sociotransmissor, trazendo a consciência necessária para que cada indivíduo tenha o “conhecimento de si” dentro da instituição.

"Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si." (CANDAUI, 2016, p. 59).

Trabalhar com memória impõem desafios, a instabilidade das lembranças pode afetar seriamente o processo de enquadramento de uma memória institucional. Segundo Pollak (1989, p. 11) “nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada.”. Deste modo, organizar e tornar acessível o acervo fotográfico do BRDE é permitir que as lembranças e sentimentos compartilhados por seus colaboradores aflorem ao encontro destes documentos, auxiliando também, no processo de consolidação da

memória institucional, se distanciando do esquecimento. Koselleck *apud* Silva (p. 310, 2016) defende que “[...] a interseção entre fotografia e memória se dá pelo aspecto testemunhal, ou seja, pela percepção do testemunho que projeta elementos de identidade de ambos os campos.”. Logo, informações coletadas a partir das metamemórias e dos sociotransmissores elucidam elementos de identidade em seu testemunho, tornando a entrevista de história oral uma ferramenta chave para a construção da identidade e memória institucional.

Figura 4 - Servidores contra a liquidação



Fonte: arquivo institucional do BRDE

QUEM	Carlos Bezerra, Juberlei Bacelos, Carlos Ponzoni, demais funcionários do BRDE e políticos.
ONDE	Assembléia legislativa, Porto Alegre - RS, Brasil.
QUANDO	29/08/1990
COMO/ O QUE	Grupo formado por servidores do BRDE em reunião com deputados, para negociação referente à liquidação extrajudicial do Banco.

Para criar uma narrativa de metamemória e entender a história do BRDE foram feitas entrevistas de história oral onde se solicitou que cada entrevistado falasse sobre seus sentimentos e lembranças a partir da análise de uma série de

sete fotografias dispostas a sua frente. É interessante observar uma fotografia onde um grupo de funcionários estava representando o BRDE e seus interesses frente a deputados e senadores. Este sociotransmissor foi capaz de elucidar longas e detalhadas histórias sobre um momento descrito como traumático para os colaboradores e defensores do progresso, uma vez que o Banco passava por um processo de liquidação extrajudicial. Apenas nesse momento das entrevistas os sentimentos negativos foram evocados, como medo e insegurança. O Entrevistado 1 (2020) diz:

“Essa foto aqui para mim é a mais representativa de todas essas [...]. Então me chama atenção a recordação daquela luta, daquela campanha dos funcionários. Esse pessoal fazia contato não só com os políticos daqui, mas ia para Brasília também [...]. O sentimento foi recordar aquele processo traumático que foi a liquidação e ao mesmo tempo a união dos funcionários em tentar reerguer, levantar a liquidação extrajudicial e evidentemente que vendo a fotografia dos colegas, foi a primeira coisa que eu me lembrei e fui olhar.”

Os sociotransmissores são essenciais para o compartilhamento da memória, pois eles fazem a transmissão de informações sociais e culturais de um indivíduo para o outro (CANDAU, 2009). Nessa perspectiva, um segundo entrevistado descreve emoções parecidas sobre a mesma foto, revelando sentimentos ambíguos, pois passaram por momentos traumáticos e de insegurança quanto ao futuro do BRDE, mas apesar disso, os colaboradores transformaram estes sentimentos em luta, se uniram e criaram estratégias para defender aquilo que acreditavam, não apenas suas carreiras, mas também o desenvolvimento da região Sul. O Entrevistado 2 (2020) pondera a importância do BRDE e dos bancos de desenvolvimento como um ente que sempre precisa existir.

“Esta foto aqui é um momento muito traumático do Banco. Então esse momento que tu vê aqui, somos nós funcionários. Nos organizamos e fizemos um grupo de trabalho para ver como nos posicionaríamos para defender a instituição. E aí foi, nos mobilizamos, bom, então o cenário era a história do Banco, os

recursos, recursos do estado e esse fato que levou para esse ano da intervenção.” (ENTREVISTADO 2, 2020)

Apesar de obedecer à estrutura do guia de entrevista, o compartilhamento de sentimentos e lembranças pela história oral aconteceu de forma flexível e orgânica. Enquanto um entrevistado resolveu falar sobre todas as fotos, outro apenas se sentiu à vontade para falar sobre duas, escolheu fotos que realmente lhe despertaram algum tipo de emoção ou vínculo. Segundo Barbosa (2010, p. 12) a memória institucional “se expressa como uma possibilidade de (re) ligação dos sujeitos à estrutura, pois propicia aos indivíduos se reconhecerem como elementos partícipes da trajetória organizacional.”. Assim, o Entrevistado 1 (2020) escolheu uma segunda foto para falar sobre suas relações de trabalho e as responsabilidades que lhe eram atribuídas, segundo ele “a foto é muito mais recordatória por ter trabalhado com eles [...] o Dr. Orlando era presidente, uma pessoa muito estimada.”. Certamente os elementos de pertencimento são reforçados pela confiança que lhe foi dada para a elaboração de trabalhos importantes para a instituição, assim como sua boa relação com a direção geral, aspecto fundamental na escolha da foto.

O Entrevistado 3 (2020) destaca Leonel Leonel Brizola como um importante político que teve a iniciativa, junto aos demais governadores, em trazer investimentos para região. Assim como relatado no parágrafo anterior, as relações de trabalho aqui também se destacam e o sentimento de orgulho é suscitado. Mesmo para aqueles colaboradores que não trabalharam na mesma época, quando relembram administrações anteriores e a origem do BRDE, a motivação em fazer parte dessa instituição se traduz em palavras como “nós estamos continuando a história desses três (governadores). Por mais que tu estejas numa área meio tu faz parte do processo todo, então ver essa ponta nos motiva.” (ENTREVISTADO 3, 2020). Como bem expressado por Candau (2016, p. 131) “ali onde a história se esforça em colocar o passado a distância, a memória busca em fundir-se nele.”. Cabe aqui um reforço à preservação e ampla divulgação do acervo fotográfico, uma vez que futuros colaboradores tenham acesso aos registros e conheçam a trajetória do BRDE, poderão também dividir sentimentos de motivação quanto às suas práticas diárias de trabalho. O colaborador precisa entender o seu valor dentro do processo organizacional, o impacto gerado pelas suas atividades. Como

mencionado pelo terceiro entrevistado, mesmo não estando na linha de frente, compreender a importância do seu trabalho para a manutenção da instituição é capaz de gerar motivação.

“Refletir sobre a questão do lugar é indispensável atualmente porque é ele que permite aos indivíduos perceberem o mundo, posto que reúne características de permanência, mesmo em meio à fluidez e à competitividade presente nos tempos atuais [...]” (BARBOSA , 2010, p. 11)

Figura 5 - Os três governadores



Fonte: arquivo institucional do BRDE

QUEM	Celso Ramos (governador de Santa Catarina), Ney Braga (governador do Paraná) e Leonel Brizola (governador do Rio Grande do Sul).
ONDE	Florianópolis - SC, Brasil.
QUANDO	08/07/1961
COMO/ O QUE	Os três governadores fundadores do BRDE desembarcando no aeroporto para uma reunião na capital catarinense.

Para além das relações de trabalho, as fotografias escolhidas também despertaram relatos através de suas subjetividades. Ao analisar as fotos, as lembranças foram seguindo seu próprio caminho para as metamemórias, com objetos contidos dentro dos próprios registros, como por exemplo, calendários comemorativos; “gostaria que tivesse novamente esses concursos [...], eu lembro que houve uns dois concursos de fotografia para o calendário, teve um até que foi se não me engano assim de áreas rurais.” (ENTREVISTADO 3, 2020). Além das memórias sobre antigos concursos e calendários, despertadas através de um registro em que funcionários escolhiam as fotografias vencedoras, as obras de arte que apareciam nas fotos também fizeram o terceiro entrevistado lembrar o momento em que ingressou ao BRDE. Primeiro ele analisou as cadeiras, reconheceu as instalações e até mesmo foi capaz de denominar o andar e nome da sala. Na sequência, relatou sobre um livro que recebeu no momento em que se tornou colaborador.

“Todos esses quadros aqui, a maioria são do acervo cultural do Banco, inclusive oh, vai remetendo, né? Quando nós entramos nós ganhamos assim, caneta, todos esses brindes, com a logo e um livro com todo acervo de arte do Banco, com as obras, um livro cinza.”. (ENTREVISTADO 3, 2020)

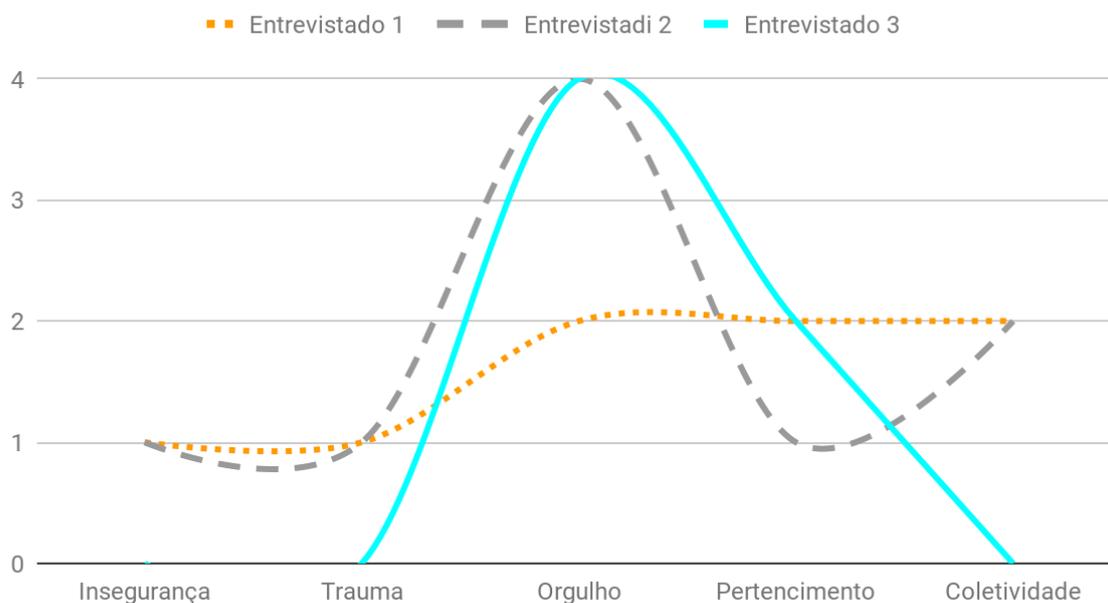
Através das fotografias como fonte de informação e sociotransmissores, os colaboradores possuem a capacidade de acessar suas memórias individuais e assimilar o seu lugar dentro da instituição, assim como o da instituição perante seu público de interesse. O acervo fotográfico só possui valor quando é dado significado a ele, quando descritas não apenas as informações essenciais como data e local, mas como o seu significado afetivo, o seu contexto dentro da comunicação institucional. De acordo com Candau (2016, p. 61), “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente² o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço)

² Consideramos aqui uma das metáforas mais influentes da consciência, aquela da "corrente de pensamento" de W. James que, lembra Jean Delacour, "salienta o encadeamento melódico e o fluxo incessante dos conteúdos da consciência". *Biologie de la conscience*, Paris, PUF, 1994, p. 36.

conferindo-lhe sentido³.". Logo, as representações feitas sobre suas trajetórias são narrativas fundamentais para a estabilização da memória e identidade, atribuindo sentido informacional e afetivo.

Figura 6 - Gráfico da categorização

Categorização



Fonte: elaborado pela autora.

Embora a impossibilidade de assegurar que todos os sentimentos sejam compartilhados por um grupo inteiro de indivíduos, é possível identificar sentimentos comuns que são capazes de formar uma coletividade, nesse caso a categorização foi utilizada como uma ferramenta de aglutinação. Como definido, os sentimentos relatados pelos entrevistados foram organizados entre as categorias: positivos e negativos e posteriormente em subcategorias como: insegurança, trauma, orgulho e pertencimento. De forma espontânea surgiu o termo “coletividade” em duas entrevistas, então esta subcategoria foi adicionada a contagem que aconteceu da seguinte forma: foi atribuído um ponto para cada sentimento mencionado, sendo adicionado um ponto aos sinônimos daqueles que não estavam previamente categorizados, mas eram próximos aos já existentes. Assim foi possível montar o

³ Cassirer fala de "pregnância simbólica" *A filosofia das formas simbólicas*, III, Pariz, Minuit, 1972, p. 202.

gráfico acima e compreender de maneira visual alguns impactos gerados por acontecimentos passados e os sentimentos suscitados durante as entrevistas.

O entrevistado 3 - único que não relatou sentimentos negativos - não trabalhava no BRDE durante o período em que ele passou por uma liquidação, exatamente o mesmo evento que despertou as lembranças negativas de insegurança e trauma nos entrevistados 1 e 2. Assim como no conceito hologramático, o momento traumático vivido por esses funcionários parece estar ligado de alguma forma a contribuir com o desenvolvimento da coletividade, já que em um momento de profundo desespero e abandono por parte de outras instituições e até mesmo de grandes empresários - mesmo que anteriormente tenham sido beneficiados pelo Banco - a construção de uma frente popular formada pelos seus colaboradores e pequenos produtores foi o que impulsionou a volta das atividades do BRDE. O que acontece em uma instituição afeta seus colaboradores na mesma proporção em que o que acomete seus colaboradores afeta a instituição, nada está separado, tudo está interligado.

“O princípio hologramático pressupõe que todas as alterações que ocorrem no todo organizacional repercutem de alguma maneira sobre as partes e, da mesma forma, o que acontece nas partes provocará reações no todo, o que favorece a percepção das práticas de memória como possibilidade de lugarizar os indivíduos dentro de um contexto maior de continuidade dentro do tempo, de sentido.”
(BARBOSA, 2010, p. 5)

Os dados coletados a partir da observação e também das entrevistas de história oral foram extremamente satisfatórios, gerando materiais para essa análise e também possíveis trabalhos futuros, com outros enfoques. Aqui houve uma delimitação para responder uma questão norteadora e objetivos específicos, portanto o aprofundamento se deu quanto aos sentimentos compartilhados pelos colaboradores e a capacidade do acervo fotográfico em contribuir para a construção de uma narrativa, criando um ambiente confortável para os relatos de metamemória. Os sentimentos se cruzam entre pessoas e fotos, atravessam tempo e espaço criando uma teia de afetividade e identificação que somente um trabalho de organização e preservação será capaz de salvaguardar.

7 ATIVIDADES CULTURAIS E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

A preservação da memória institucional está ligada não somente ao registro e guarda de documentos, como também ao proporcionar interação entre os colaboradores e estimular o processo de compartilhamento de informações e conhecimentos. Segundo Felipe e Pinho (2018, p. 93) “as instituições têm que compreender que essa memória é fundamental para a própria instituição. O conhecimento dos registros dos fatos e pessoas é importante para a reconstrução de sua trajetória perante a sociedade.”. Conforme relatado nas entrevistas de história oral e destacado nas seções anteriores, os colaboradores dividem sentimentos positivos com relação à instituição, como orgulho, pertencimento e motivação. É de extrema importância pensar a respeito de quem ajuda a construir a memória e identidade do BRDE, uma vez que sua história é definida através de suas atividades, investimentos e colaborações para o desenvolvimento, passando por dezenas de pessoas de diferentes áreas para que seus projetos sejam aprovados.

Nesse sentido, promover atividades culturais e manter um ambiente convidativo aos antigos colaboradores é permitir que este grupo mantenha seu vínculo com a instituição sempre ativo, assim gerando material para a consolidação da memória institucional, essa que é importante para a sociedade como um todo, principalmente por se tratar de uma instituição de fomento. Conforme Costa (1997, p. 146) “ao contrário do que costumamos pensar, nós somos e fazemos as instituições. E a memória institucional é o reflexo dessa trajetória, não como mimesis, mas um cristal com suas múltiplas e infinitas facetas.”. Atualmente a AGPOA mantêm em seu espaço algumas funcionalidades, o que acaba gerando uma interação entre antigos e novos funcionários. O centro de informações e biblioteca se destaca pela acolhida e disponibilização de informativos, talvez um ponto de encontro que possa gerar ainda mais atividades, atrelado ao projeto memória e ao acervo fotográfico.

Figura 7 - Concurso sobre economia gaúcha



Fonte: arquivo institucional do BRDE

QUEM	Diretor presidente Orlando da Cunha Carlos, diretores: Mauro Knijnik, Alfredo Meneghetti Filho e representantes de faculdade de Porto Alegre e região.
ONDE	Salão nobre do BRDE, Porto Alegre - RS, Brasil.
QUANDO	Década de setenta (1970 – 1974)
COMO/ O QUE	Lançamento do prêmio BRDE-Economia.

Apesar de ter seu foco maior no fomento ao desenvolvimento econômico, o Banco tem atuado em empreendimentos culturais, como por exemplo, o patrocínio a determinadas feiras econômicas e agrícolas, como a Expointer e a Expodireto. Esses eventos têm um o aspecto social e cultural por movimentarem uma cidade inteira, levando visitantes e empreendedores a consumirem produtos locais. O BRDE também apoia através do seu imposto devido diversos projetos, entre eles o audiovisual da ANCINE (Agência Nacional do Cinema) o Pró-Biblioteca e projetos de música com artistas locais. Aqui cabe destaque para um concurso sobre a economia

gaúcha, com temas relacionados a macroeconomia do Estado lançado na década de 70, um evento envolvendo instituição e sociedade (comunidade acadêmica). No anúncio de lançamento a intenção do concurso foi descrita como uma “campanha de aperfeiçoamento do corpo discente universitário” uma vez que neste grupo o BRDE “deposita as esperanças do amanhã”. O prêmio BRDE-Economia previa a elaboração de trabalhos específicos de pesquisa e análise aos estudantes dos cursos de administração, economia e ciências contábeis, através de conhecimentos adquiridos em classe.

Figura 8 - Balcão literário



Fonte: GOMES (2020)

Quanto às atividades culturais no âmbito interno, o Projeto Memória adota uma política de gestão cultural integrada, promovendo a organização, preservação e gerindo o acervo da instituição a fim de refletir a identidade institucional e a missão histórica do Banco. Identificada como atividade cultural de incentivo ao hábito da leitura, no hall do edifício da AGPOA foi instalado no final de 2014 um Balcão Literário, conforme observado, os colaboradores podem retirar e depositar livros no balcão de forma autônoma. O projeto promove anualmente mostras que integram seus colaboradores, seja através de exposição fotográfica, apresentação musical, concurso literário ou lançamento de livros; estas atividades foram apontadas pelos entrevistados como extremamente importantes e que demonstram valorização aos seus funcionários. O espaço cultural Palacete dos Leões em Curitiba - tombado pelo patrimônio histórico - e o espaço cultural Celso Ramos em Florianópolis, também recebem mostras externas avaliadas por curadoria especializada e atividades culturais desenvolvidas pelo próprio Banco.

Figura 9 - Exposição: a criação do BRDE



Fonte: ASCOM - BRDE (2019)

Em novembro de 2019 sob o título de “A criação do BRDE” aconteceu à primeira mostra com fotografias da década de 60, o evento passou pelas três agências do Banco, iniciando em Porto Alegre, passando por Curitiba e Florianópolis. Com a organização das fotos foram identificados diversos negativos, que foram recuperados e revelados, permitindo assim que a exposição acontecesse e levasse a todos os funcionários um pouco sobre a história dos anos iniciais do BRDE. As fotos selecionadas foram entre os anos de 1961 e 1962, contemplando registros de reuniões e posses dos primeiros dirigentes e presidentes do Banco e do CODESUL.

Em conformidade com a promoção de atividades culturais está a preservação da memória, o registro dos eventos, a organização e disponibilização para sua comunidade como forma de determinar os parâmetros de sua identidade. Observou-se que não existe uma política sólida de preservação de documentos, mas apesar disso, existe um fluxo intenso para melhoria dos processos. Na área da comunicação social, conforme relato é ressaltado o nome do jornalista e assessor do BRDE Naldo Charão de Freitas, um colaborador muito dedicado ao Banco e que mantinha bom relacionamento com a imprensa, além disso, foi responsável pela organização de uma hemeroteca, tudo o que a imprensa publicava sobre o BRDE era classificado cronologicamente e depois encadernado. Este processo de indexação de notícias em concordância com uma política de preservação de documentos deve ser regra para instituição, em defesa da hipótese de que funcionários são os personagens principais na construção da memória e identidade do BRDE em conjunto da sociedade, Pollak (1989, p.13) salienta:

Ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Na década de 90 o Banco passou por uma liquidação extrajudicial, este evento foi apontado como uma memória traumática pelos funcionários, um momento

onde as instalações foram interditadas e com isso, provavelmente, muitos documentos foram perdidos uma vez que agências de outros bancos acabaram tomando alguns projetos e parceiros do BRDE, assim levando grande quantidade de registros para fora da instituição. Sem dúvida, o projeto de organização do acervo fotográfico veio para contribuir quanto à divulgação do que foi feito por parte da instituição, seus feitos e também para contar sua história. Pode-se afirmar que, apesar de muito incentivar a cultura e se preocupar com o registro de documentos, o Projeto Memória possui muito trabalho a ser feito quanto à aglutinação e organicidade desses, que ainda aparecem de forma dispersa e de acesso abstruso para seus colaboradores.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul surgiu na década de sessenta com o intuito de acabar com a disparidade existente entre a região sul e sudeste. Recebeu o termo “Extremo Sul” por naquela época São Paulo também fazer parte geograficamente da região sul, embora fizesse parte do eixo que mais recebeu investimentos. Preocupado com a dissociação do seu patrimônio, o BRDE criou o Projeto Memória, e através dele foi possível recuperar inúmeras fotos de um arquivo desativado e levá-las para a AGPOA, local onde foram organizadas, identificadas e devidamente acondicionadas. O impacto gerado pela organização das fotos se mostra extremamente positivo, embora algumas adversidades quanto ao acesso, os colaboradores se mostraram disponíveis para contribuir com informações para sua identificação, assim como o interesse em participar de atividades culturais relacionadas ao acervo.

Essa pesquisa buscou analisar a construção da identidade e a elucidação da memória institucional do Banco a partir do seu acervo fotográfico, através das metamemórias dos seus colaboradores. Esse acervo fotográfico foi identificado como uma fonte de informação e também um sociotransmissor, sua organização foi capaz de mobilizar colaboradores para a identificação dos registros assim como na participação da exposição fotográfica que mostrou os anos iniciais do Banco. Além disso, foi possível traçar um perfil dos entrevistados, reivindicar lembranças de momentos importantes para instituição com riqueza de detalhes e as atividades culturais desenvolvidas ao longo destes 59 anos. Os entrevistados relataram sentimentos negativos quanto à época em que o Banco passou por uma liquidação extrajudicial, porém foi possível perceber a importância da transformação desses sentimentos hoje relacionados à coletividade e orgulho. Mesmo não passando por esse momento traumático, um entrevistado relatou sua motivação em fazer parte de uma instituição que tem em suas raízes o comprometimento com a sociedade e o desenvolvimento, mesmo desempenhando uma atividade meio, o resultado do seu trabalho é o ganho de todos.

O Projeto Memória foi criado com o propósito de aglutinar as obras e patrimônios culturais do Banco, a fim de construir um espaço de solidificação para sua memória e identidade, mas o que se observa é a falta de uma equipe

especializada e trabalhando somente em prol do projeto. O grupo de trabalho formado inicialmente fez grandes avanços, mas também têm outras demandas o que faz o projeto andar a curtos passos. É sugerido que o Projeto Memória construa políticas sólidas para a preservação da memória e continue trabalhando fortemente no registro e desenvolvimento de atividades culturais, proporcionando um espaço para evocação de metamemórias e consolidação da memória e identidade institucional. Através do acervo fotográfico e das demais obras organizadas é possível criar grupos e oficinas de história oral com relatos de experiência, permitir a interação entre público e objeto, extraindo informações importantes para a descrição dos itens assim como para construir uma narrativa sobre a história do BRDE.

Entende-se que esse trabalho contribuiu para reivindicação de uma constante manutenção de conservação no que se refere ao acervo de documentos e fontes de informação de qualquer tipologia. Acredita-se que esta pesquisa serve como um instrumento não apenas para o BRDE, mas para todas as organizações no sentido que repensem seus processos de organização cultural e documental, uma vez que comprova a importância da preservação de acervos fotográficos, dos profissionais da informação nas instituições e na promoção de atividades culturais para elucidação da memória institucional. Fica evidente o valor agregado de unidades informacionais e espaços de preservação da memória em uma instituição, promovendo não apenas uma boa imagem perante os colaboradores, como auxiliando em sua produtividade. A informação é um bem intangível e através de sua organização é possível desenvolver uma série de melhorias nos processos internos, assim como elaborar atividades culturais que celebram a coletividade e geram consciência sobre a carreira de cada indivíduo. O relato dos colaboradores entrevistados vai de encontro às ideias apresentadas, suas falas demonstram o orgulho por terem feito parte dessa história, a disponibilidade de participar de novos projetos que promovam os talentos internos, como é o caso de concursos literários, fotográficos ou até mesmo musicais.

Considera a fotografia como um sociotransmissor extremamente importante para a construção da identidade através de parâmetros de enquadramento, um dispositivo de memórias e também fonte histórica de informação. Nessa pesquisa serviu como prova documental e deu luz a diversas histórias que futuramente podem ser publicadas em um contexto aprofundado no que se refere à história do BRDE.

Para que essas lembranças não se percam perenemente é sugerido, também, que todas as metamemórias sejam registradas e aglutinadas em um livro ou espécie de diário, que se torne referência bibliográfica e ocupe um lugar especial nas estantes do espaço dedicado a preservação da memória.

As relações atemporais dentro de uma instituição estão relacionadas a métodos que se retroalimentam, sendo que na mesma proporção em que o passado exerce influência sobre o presente, o presente pode influenciar o futuro. Uma vez identificado o sentimento de motivação em fazer parte de uma instituição que proporciona tanto avanço e progresso, seus feitos devem ser para sempre lembrados. Os sentimentos compartilhados por antigos colaboradores e suas metamemórias devem ser ouvidos, documentados e preservados para as futuras gerações tanto de trabalhadores como sociedade em um todo, que possam entender a importância do BRDE e não repetir os mesmos erros do passado, ou ainda, para que sigam orgulhosos em fazer parte dessa trajetória construída através da coletividade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. **A classificação de documentos fotográficos: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus**. 2012. Tese (doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103378>. Acesso em: 04 nov. 2019.

ASCOM - BRDE. **Exposição: a criação do BRDE**. Curitiba. 2019. 1 fotografia.

BARBOSA, Andréia Arruda. O lugar da memória institucional nas organizações complexas. In: **IV CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS**. 2010. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT2/GT2_Andreia.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.

BIBLIOTECA Nacional e Instituto Moreira Salles lançam portal de fotos históricas. **Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 17 abril 2015. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/eventos/2015/04/biblioteca-nacional-instituto-moreira-salles-lancam>. Acesso em: 04 nov. 2019.

BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos da BAD: arquivos da administração pública, estratégias, políticas e desafios**, n. 2, p. 85-100, 2006. Disponível em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/794/793>. Acesso em: 07 fev. 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 31 out. 2019

BONIN, Jiani Adriana. **Pesquisa exploratória: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo**, 2012. In: XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, 12 a 15 de junho de 2012. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1939.pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL. Ministério Público Militar. Centro de Memória. **Manual de história oral**. Brasília: 2016. Disponível em: <http://www.mpm.mp.br/portal/wp-content/uploads/2016/03/manual-de-historia-oral.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

CANDAU, Joel. O museu das coisas banais entrevista o antropólogo joel candau. [Entrevista cedida a] Daniele Borges Bezerra e Juliane Conceição Primon Serres. **Expressa Extensão**, Pelotas, v. 20, n. 1, p. 13-16, 2015. Disponível em: <http://www.revistahsm.com.br/coluna/gary-hamel-e-gestao-na-era-da-criatividade/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, jan/jul.2009. p. 43-58. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9564/6415>. Acesso em: 19 out. 2019.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CONCEIÇÃO, A. S. Informação arquivística: o [in]sumo da sociedade contemporânea- a riqueza das organizações. **Archeion Online**, v. 1, Edição Especial, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion/article/view/17140/9755>. Acesso em: 27 nov. 2019.

COSTA, Helouise. Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo. v. 16. n. 2. p. 131-173. jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/686/1/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

DOBANSZKY, Diana de Abreu. **A legitimação da fotografia no museu de arte**: o Museum of Modern Art de Nova York e os anos Newhall no Departamento de fotografia. 2008. Tese (doutorado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285150>. Acesso em: 10 nov. 2019.

EMPRESA U. H. Becker. São Leopoldo. 18 dez. 1962. 1 fotografia.

ENTREVISTADO 1. Entrevista de história oral: memórias e sentimentos. [Entrevista concedida a] Letícia Dutra Schinoff. Porto Alegre, 2020.

ENTREVISTADO 2. Entrevista de história oral: memórias e sentimentos. [Entrevista concedida a] Letícia Dutra Schinoff. Porto Alegre, 2020.

ENTREVISTADO 3. Entrevista de história oral: memórias e sentimentos. [Entrevista concedida a] Letícia Dutra Schinoff. Porto Alegre, 2020.

FELIPE, Carla Beatriz Marques; PINHO, Fabio Assis. Fotografia como dispositivo da Memória Institucional. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 5, n. 1, p. 89-101, 2018. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/44199>. Acesso em: 23 out. 2019.

FERRAZ, Rosane Carmanini. Memória e narrativa visual nos álbuns de fotografias oitocentistas das famílias ferreira lage e cavalcanti. **Resgate: Revista Interdisciplinar De Cultura**, v. 22, n. 2, p. 63-72, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645780/13079>. Acesso em: 31 out. 2019

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. Faculdade De Ciências Econômicas e BRDE: Duas Histórias Entrelaçadas. In: CARRION, Otília Beatriz K.; et al.. **O ensino de Economia na UFRGS**. Porto Alegre, 2000. Disponível em: http://professor.ufrgs.br/pedrofonseca/files/faculdade_de_ciencias_economicas_e_br_de_duas_historias_entrelacadas.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

GOMES, Gicele Farias. **Balcão literário**. Porto Alegre. 2020. 1 fotografia.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In GONDAR, J. e DODEBEI, V. (Org.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, p. 11-26.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In DODEBEI, Vera, FARIAS, Francisco R. de, GONDAR, Jô (Org.). **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

INAUGURAÇÃO da agência de Curitiba. Curitiba. 23 jan. 1970. 1 fotografia.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2012.

OS TRÊS governadores. Florianópolis. 08 jul. 1961. 1 fotografia.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 21 nov. 2019.

RUEDA, V. M. S.; FREITAS, A.; VALLS, V. M. Memória institucional: uma revisão de literatura. **CRB8 Digital**, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9723>. Acesso em: 26 nov. 2019

SANTANA, M. S. D. A ética na pesquisa científica: mapeamento de estudos nos periódicos de ciência da informação. **Folha de Rosto**, v. 2, n. 2, p. 26-35, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/39654>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SARAIVA, N. L., PEREIRA, T. M. M., & LOPEZ, A. P. A. Imagens e sensações: o acesso à informação em acervos fotográficos. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, v. 40, n. 3, p. 261-271, 2017. Disponível em: <https://aprendeonlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/25490/20785496>. Acesso em: 06 nov. 2019.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SERVIDORES contra a liquidação. Porto Alegre. 29 ago. 1990. 1 fotografia.

SILVA, M. A. P. Memória e fotografia: um estudo sobre informação visual em são carlos (sp). **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10 n.1, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93053>. Acesso em: 25 set. 2019.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade?. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, p. 357-368, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/275/27503812.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SILVA, S. M. F.; DUARTE, Z. A fotografia em unidades de informação: valor informativo e permanente. **Ponto de Acesso**, v. 10, n. 3, p. 147-159, 2016. <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/20935/13955>. Acesso em: 04 nov. 2019.

SILVA, SERGIO LUIZ PEREIRA DA. Desafios metodológicos em memória e fotografia. In DODEBEI, Vera, FARIAS, Francisco R. de, GONDAR, Jô (Org.). **Morpheus**: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 309-322, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Fotografia e representação na constituição da memória. **Ci.Inf.**, v. 43 n. 3, p. 128-136, set./dez., 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/3959>. Acesso em: 16 set. 2019.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. **INFORMARE**: Cadernos do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SOUSA, Raquel J. P. L.; Zafalon, Z. R. **Estudo de metodologia para o tratamento de acervos fotográficos em bibliotecas**, 2011. In: Congresso de Iniciação Científica da UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil, 28 a 30 de setembro de 2011. Disponível em: <http://abre.ai/auHN>. Acesso em: 21 nov. 2019

TAQUETTE, Stella. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, 2016. Disponível em: <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/790/777>. Acesso em: 21 nov. 2019.

TONELLO, Izângela Maria Sansoni; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia como documento: com a palavra otlet e briet. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 01, p. 77-93, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32504/23231>. Acesso em: 26 nov. 2019.

VIANA, Nildo. Memória e sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. **Espaço plural**, v. 7, n. 14, p. 8-10, 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/483/397>. Acesso em: 19 nov. 2019.

VILLALOBOS, Jairo Guadamuz. Fotografía en bibliotecas: más allá de los procesos técnicos y la promoción de los servicios. **E-Ciencias de la Información**, v. 9, n. 2, jul/maio. 2019. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/eciencias/article/view/37495>. Acesso em: 05 nov. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - GUIA DE ENTREVISTA

1. Qual ou quais cargos você ocupou no BRDE?
2. Para você, o momento mais importante do BRDE foi documentado?
3. Ao analisar estas fotos, que sentimentos elas te transmitem?
 - ✓ **Medo;**
 - ✓ **Insegurança;**
 - ✓ **Orgulho;**
 - ✓ **Pertencimento.**
4. Como você descreveria o impacto da organização e disponibilização do acervo fotográfico para os colaboradores do BRDE?